

PALAVRAS DE ORDEM COMO EXPRESSÕES MUSICAIS: SEM TERRINHA EM MOVIMENTO, BRINCAR, SORRIR E LUTAR, POR REFORMA AGRÁRIA POPULAR

Alinne Martins¹

Resumo: As palavras de ordem são expressões musicais presentes em diversos momentos coletivos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e de outros movimentos sociais, sendo uma importante forma de materialização de suas pautas, princípios e identidade. As palavras de ordem entoadas pelas crianças Sem Terrinha do MST durante o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, que ocorreu no ano de 2018, na cidade de Brasília, são o tema desse texto. O objetivo é compreender como os Sem Terrinha utilizam as palavras de ordem para promover sua participação política. As fontes consultadas foram: os relatórios elaborados pelo coletivo de educadores que acompanharam as crianças durante o Encontro; vídeos do evento publicados em canal do YouTube do MST; *lyric* vídeo de canções dos Sem Terrinha; áudios de músicas encontrados em plataformas digitais; matérias sobre o evento publicadas em sites. As fontes foram analisadas à luz dos estudos sociais da infância e da categoria participação protagônica, de Cussiánovich (2009). As palavras de ordem são formas de participação política, pois expressam e materializam as opiniões, pautas e lutas nos diferentes momentos em que foram cantadas pelos Sem Terrinha durante o Encontro.

Palavras-chave: Participação política; Movimento Social; Infância.

¹ Alinne Martins é professora da Rede Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR), mestra em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e doutoranda em Música na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1451-4961>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5595274842238534>. E-mail: alinnesouza154@gmail.com. Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - 001.

WACHWORDS AS MUSICAL EXPRESSIONS: SEM TERRINHA IN MOTION, PLAY, SMILE AND FIGHT FOR POPULAR AGRARIAN REFORM

Abstract: The watchwords are musical expressions present in several collective moments of the MST and other social movements, being an important way of materializing its agendas, principles and identities. The watchwords chanted by the MST's Sem Terrinha during the First National Meeting of Sem Terrinha, which took place in 2018 in the city of Brasília are the subject of this text. The objective is to comprehend how the Sem Terras use slogans to promote their political participation. The sources consulted were: reports prepared by the collective of educators who accompanied the children during the First Meeting; videos of the event published on the MST YouTube channel, lyric video of songs by Sem Terrinha; audios recordings of songs found on digital platforms; materials about the event published on websites. The sources were analyzed in the light of social studies of childhood and Cussiánovich's protagonist participation category (2009). The watchwords are forms of political participation, as they express and materialize the opinions, agendas and struggles that were sung by the Sem Terrinha during the meeting at different times.

Keywords: Political participation; Social movement; Childhood.

CONSIGNAS COMO EXPRESIONES MUSICALES: SEM TERRINHA EN MOVIMIENTO, JUGANDO, SONRIENDO Y LUCHANDO, POR LA REFORMA AGRARIA POPULAR

Resumem: Las consignas son expresiones musicales presentes en diversos momentos colectivos del MST y otros movimientos sociales, son una forma importante de materializar sus agendas, principios e identidad. El tema de este texto son las consignas cantadas por los Sem Terrinhas del MST durante el I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, que tuvo lugar en 2018 en la ciudad de Brasilia. El objetivo es comprender cómo los Sem Terrinhas utilizan lemas para promover su participación política. Las fuentes consultadas fueron: los informes elaborados por el colectivo de educadores que acompañaron a los niños durante el encuentro; videos del Encuentro publicados en el canal de YouTube del MST, lyric videos de canciones de Sem Terrinha; audios musicales en plataformas digitales; artículos sobre el evento publicados en sitios web. Las fuentes fueron analizadas a la luz de los estudios sociales de la infancia y la categoría de participación protagónica de Cussiánovich (2009). Las consignas pueden entenderse como formas de participación política, ya que expresan y materializan las opiniones, agendas y luchas en diferentes momentos en que fueron cantadas por los Sem Terrinhas durante el Encuentro.

Palabras clave: Participación política; Movimiento social; Infancia.

Introdução

O menino Pedro estava coordenando as atividades do dia, na Vigília Resistência Camponesa², ação que integrou a Campanha Despejo Zero³ em 2020, na cidade de Cascavel, região Oeste do Paraná. O fato de uma criança estar à frente de uma atividade política me causou espanto, pois não estava acostumada a ver crianças em posição de tamanha liderança. Entretanto, quando percebi a desenvoltura com que ele agia perante a atividade, o espanto se transformou em alegria e esperança, e fiquei envergonhada pelo meu estranhamento inicial, afinal, ele sabia coordenar muito bem. Recordei-me dessa cena durante as primeiras aproximações com os estudos sociais da infância⁴ e, a partir de então, vislumbrei uma maneira diferente de compreender as crianças e as infâncias, tendo em mente as crianças Sem Terrinha⁵ do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com quem tive oportunidade de conviver algumas vezes.

Os Sem Terrinha materializavam, de certa forma, os conceitos e categorias que eu estava lendo nos artigos, livros e teses. Assim, com base nessas percepções iniciais, me propus a investigar se as relações que havia feito entre esse grupo de crianças e os estudos sociais da infância realmente existiam, tendo como objetivo refletir sobre a participação política das crianças Sem Terrinha por meio de suas expressões musicais. Desse modo, a questão norteadora neste estudo é: como as crianças Sem Terrinha utilizam as palavras de ordem para promover sua participação política? As palavras de ordem estão sendo consideradas como expressões musicais, pois a sua entoação tem andamento e ritmo, elementos que dão unidade aos cantantes, bem como contorno melódico. As vozes entre si soam em alturas diferentes, formando uma base harmônica.

² Saiba mais em: Vigília Resistência Camponesa. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/03/25/um-mes-da-vigilia-resistencia-camponesa-por-terra-vida-e-dignidade/> Acesso em: 20 fev. 2023.

³ Saiba mais em: Campanha Despejo Zero. Disponível em: <https://www.campanhadespejozero.org/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

⁴ Disciplina Criança na aula de música: contribuições dos estudos sociais da infância para a educação musical, cursada no curso de Doutora em Música da UDESC.

⁵ Sem Terrinha é a maneira como o coletivo de crianças é denominado no MST.

Cunha (2020) destaca que, por meio das elaborações musicais, as crianças expressam seu pensamento e os significados que atribuem ao que fazem e externam como ouvem o mundo. O termo “expressão”, de acordo com a autora, remete à “exteriorização de pensamento, manifestação de percepções e sentimentos” (p. 78), que ganham um veículo de diálogo com o mundo mediante a linguagem – nesse caso, a música. Assim, correlaciono as palavras de ordem às expressões musicais e, por sua vez, à leitura de mundo das crianças Sem Terrinha. Com isso, a participação protagônica, que dialoga com o novo paradigma de infância, evidencia como as crianças exercem a sua cidadania nas organizações sociais às quais pertencem (Cussiánovich, 2009).⁶

Para a realização deste estudo, considerei como fontes: os relatórios elaborados pelo coletivo de educadores que acompanharam as crianças durante o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha; vídeos do evento publicados em canal do YouTube do MST, *lyric* vídeo de canções dos Sem Terrinha; áudios em plataformas digitais de música dos Sem Terrinhas; matérias sobre o evento publicadas em sites. O conteúdo desse material foi analisado à luz dos estudos sociais da infância e da categoria participação protagônica, de Cussiánovic (2009). As expressões musicais, recortadas para análise, foram as palavras de ordem cantadas pelo grupo de crianças no contexto do I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, que ocorreu em Brasília em 2018: “Somos os pequenos da ciranda infantil, somos Sem Terrinha para mudar o Brasil”; “Sem Terrinha em movimento, brincar sorrir e lutar, por reforma agrária popular”; “Brilha no céu a estrela do Che, nós somos Sem Terrinha do MST”, entre outras.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

O MST é um movimento social que tensiona o cumprimento da carta magna do Brasil, porém, sua luta vai muito além da ocupação de terras, a fim de reivindicar a realização da reforma agrária. Invariavelmente, é importante

⁶ Alejandro Cussiánovich é professor de Políticas Sociais e Promoção da Infância, na Universidade Maior San Marcos (UNMS), no Peru. Ele faz parte da equipe do Instituto de Formação de Educadores de Jovens, Adolescentes e Crianças trabalhadoras da América Latina (IFEJANT).

lembrar que a reforma agrária está prevista na Constituição de 1988, no artigo 184, em que se subscreve:

Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei. (Brasil, 1988)

Esse movimento reúne diferentes sujeitos, como “parceiros, meeiros, posseiros, minifundiários e trabalhadores assalariados, chamados de sem-terra – e, também, diversos lutadores sociais”, conforme esclarece Fernandes (2012, p. 498). O MST é composto por famílias inteiras com integrantes de diferentes gerações, Sem Terrinha, Juventude do MST e Adulto Sem Terra. O Movimento tem como uma de suas raízes a Igreja Católica, por intermédio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB).

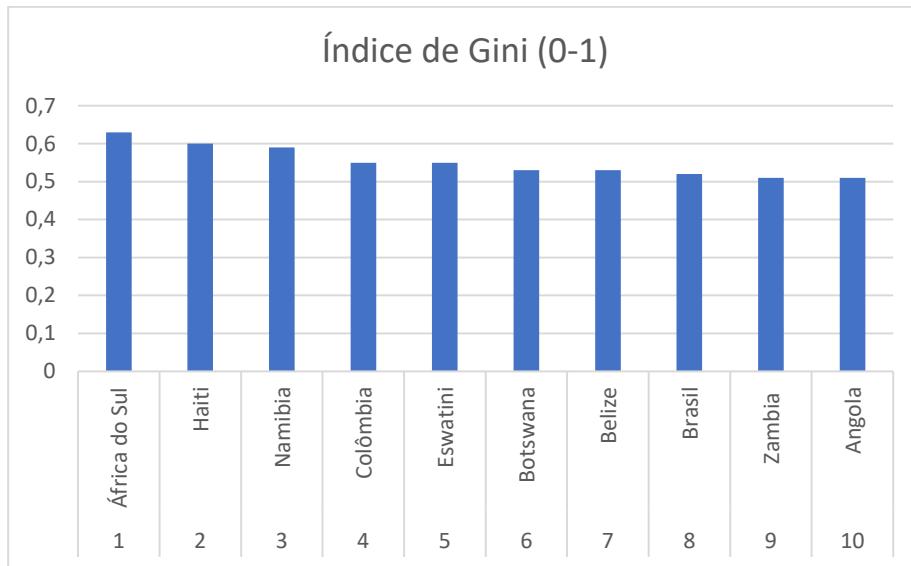
O encontro de fundação aconteceu em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel (PR). A história do Movimento Sem Terra é marcada por muita luta, ora caracterizada por conquistas, ora por perdas irreparáveis, como o assassinato dos 21 Sem Terra no massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996, e o assassinato do militante Valmir Mota de Oliveira, em 2006, no Paraná. Isso evidencia que a luta por direitos no Brasil é reprimida com violência, principalmente, no contexto do campo, como destacam Assunção e Depieri (2022):

o modelo do agronegócio se consolidou ampliando a concentração de terras, apropriando-se de terras públicas (grilagem), aumentando a precarização do trabalho e as formas de superexploração, eliminando condições de reprodução social dos povos e comunidades tradicionais e se utilizando das formas históricas de violência das classes dominantes contra os trabalhadores e os povos do campo, por meio de assassinatos, torturas e massacres (Assunção; Depieri, 2022, n.p.)

O MST está organizado em 24 dos 27 Estados da Federação e tem se colocado como uma forma importante de transformação da vida no campo e na sociedade brasileira. A principal luta é de resistência, bem como contra a desigualdade histórica que assola o nosso país. De acordo com dados do Banco

Mundial, publicados na página do Senado Federal⁷, o Brasil é o segundo país no mundo com a maior concentração de renda, ficando atrás apenas do Catar, país árabe do sudoeste asiático. Conforme os dados apresentados no Gráfico 1 a seguir, o Brasil está entre os dez países que têm mais desigualdade no mundo, segundo o índice Gini.

Gráfico 1: Ranking de Desigualdade



Fonte: Elaborado pela autora segundo coeficiente Gini 2023.⁸

Assunção e Depieri (2022) explicam que a agricultura voltada para a produção de *commodities* – produtos que servem de matéria-prima para diferentes indústrias –, destinada à comercialização no mercado internacional, contribui sobremaneira para o crescimento da desigualdade no Brasil. Assim, a partir do século XXI, o modelo de produção agrícola adotado pelos grandes latifundiários passou a ser o do “agronegócio” – termo usado no Brasil para se referir a grandes propriedades monocultoras modernas, com tecnologia avançada e pouca mão de obra. Nas palavras dos autores:

⁷ Saiba mais em: *Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Acesso em: 20 jul. 2025.

⁸ O coeficiente de Gini mede a desigualdade em uma escala de 0 a 1. Valores mais altos indicam maior desigualdade. Disponível em: <https://ourworldindata.org/economic-inequality>. Acesso em: 20 jul. 2025.

A reestruturação produtiva no campo acentuou a subordinação da agricultura, estruturada na produção e exportação de *commodities*, à lógica da financeirização e ao controle das empresas transnacionais que fabricam os insumos necessários para a produção (como sementes, agrotóxicos e fertilizantes), o processamento (agroindústria e armazenamento) e a comercialização. Estes agentes econômicos, que anteriormente operavam na agricultura, concentraram-se ainda mais como produto do próprio movimento do capital financeiro, acelerando o processo de centralização do capital, que culmina na formação de gigantescas corporações transnacionais. (Assunção; Depieri, 2022, n.p.)

Observando as transformações na agricultura brasileira, durante o VI Congresso Nacional do MST, ocorrido em Brasília (DF), entre os dias 10 e 14 de fevereiro de 2014, percebe-se que o Movimento delibera pela mudança das palavras de ordem de “Reforma Agrária, por Justiça Social e Soberania Popular” para “Lutar, Construir Reforma Agrária Popular”. Dessa maneira, entende-se que “a Reforma Agrária Popular deverá organizar agroindústrias cooperativas, mudar a matriz tecnológica de produção para a agroecologia, democratizar o acesso à educação em todos os níveis e priorizar a produção de alimentos sadios” (Fernandes, 2012, p. 501).

Nesse sentido, o Movimento Sem Terra ajusta sua estratégia com a reestruturação de seu programa político e de luta, resgatando a função social da terra para organizar a vida e a luta nos acampamentos e assentamentos, e propondo mudanças também no jeito de produzir, fortalecer a agricultura de base agroecológica para a produção de alimentos e a recuperação e preservação dos bens da natureza. Essa concepção de agroecologia é maior que as técnicas de cultivo – envolve a busca pela transformação societária contra as perspectivas hegemônicas de produção do agronegócio, que produz com base no monocultivo. Assim, o MST defende outra perspectiva de organização social e, nesse processo, os Sem Terrinha têm papel importante.

Os Sem Terrinha

As crianças do MST estão “presentes em todas as fases da luta pela terra, em busca de uma vida digna”, elas “vão sendo compreendidas como

protagonistas e construtoras, junto com os adultos" (Movimento Sem Terra, 2017a, p. 10). De acordo com Movimento Sem Terra, a concepção de infância que fundamenta o protagonismo das crianças

[...] tem como materialidade a realidade concreta da criança na luta pela Terra; da negação da educação capitalista-burguesa e da apropriação da pedagogia socialista; das dimensões de uma infância que não está separada das relações sociais; da luta pelo direito à terra, por escola, condições de moradia, estradas, saúde etc. (Movimento Sem Terra, 2017a, p. 11)

A partir desse entendimento de infância e de participação infantil é que foi idealizado o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, como “[...] parte desse processo de construir o Movimento desde a infância e concebê-la como espaço-tempo político-organizativo e formativo das novas gerações [...]” (Ramos; Leite; Rezende, 2020, p. 1317). O encontro reuniu 1200 crianças e 300 educadores de 24 estados brasileiros em julho de 2018, em Brasília, com o lema: “Sem Terrinha em Movimento: brincar, sorrir, lutar por Reforma Agrária Popular!”.

Nos quatro dias de encontro, houve diversas e intensas formas de participação das crianças, nas plenárias, animação, marcha, místicas, oficinas, cantorias, brincadeiras, reuniões, viagem, espaços pedagógicos, equipes de trabalho, jornada socialista, passeio por Brasília e visita ao Ministério da Educação – MEC. Participaram do evento crianças de sete a quatorze anos. (Ramos; Leite; Rezende, 2020, p. 1317)

Desse modo, é importante pensar a infância como geração social, conforme indica Qvortrup (2010), no contexto permanente do MST. Segundo o autor, a infância é perpassada pelas relações e contradições culturais, de classe e de gênero, assim como as demais gerações, mesmo que com intensidades diferentes. A geração é permanente porque, ao passo que sujeitos saem dessa geração, outros estão entrando. Nessa concepção, a infância não é tida como uma etapa preparatória para a vida adulta, em que as crianças virão a ser, uma vez que elas já são sujeitas de sua trajetória histórica no Movimento.

As vivências dos Sem Terrinha estão vinculadas à realidade material e às relações sociais nas quais estão imersos: da luta pela terra, por educação, moradia, saúde, estradas, entre outras pautas reivindicatórias. Corroborando com essa concepção de infância, Cunha (2020) destaca que:

Membros jovens de sociedades e culturas distintas aprendem valores e estratégias que contribuem para a formação de suas identidades pessoais e sociais. Eles pertencem a comunidades, relacionam-se o tempo todo com adultos e com outras crianças, pelo menos em suas escolas, e por isso faz-se importante entendê-los não apenas como indivíduos ou seres em transição para a vida adulta, mas como participantes ativos dos grupos sociais aos quais pertencem. (Cunha, 2020, p. 5)

Segundo o Movimento Sem Terra (2017a), a maneira como as crianças são tratadas no MST passa por três momentos distintos. No primeiro, há o enfrentamento dos desafios para a participação das mulheres nas atividades, visto que os cuidados das crianças tendem a ser responsabilidade principalmente feminina. No segundo, constitui-se a Ciranda Infantil, lugar onde as crianças podem ser cuidadas, enquanto os adultos, suas mães, em especial, participam das atividades. No terceiro momento, são pensados espaços de formação para e pelas crianças, sendo esse o marco do Encontro Nacional. É importante destacar que esses momentos não são lineares e ainda permanecem na organização do MST.

As crianças participam do Movimento, principalmente, a partir de duas frentes: mobilizações infantis (encontros, congresso, jornada, plenária) e a Ciranda Infantil. A primeira Ciranda Infantil Itinerante ocorreu em 1997, em Brasília. A primeira mobilização dos Sem Terrinha aconteceu em 1994, chamada de I Congresso Infantil do MST, na cidade de Porto Alegre (RS), contou com a participação de 101 crianças e teve como objetivo denunciar a “falta de direitos mínimos de cidadãos brasileiros” (Movimento Sem Terra, 2017^a, p. 15). A partir da reivindicação da possibilidade de se manifestar perante a sociedade contra a criminalização e o preconceito com as crianças assentadas e acampadas, também se denunciava a falta de estrutura a que as crianças eram submetidas.

É importante destacar que o I Congresso Infantil do MST foi a primeira mobilização infantil do Brasil, e que o MST foi o primeiro movimento social a ter um coletivo organizado e integrado por crianças, de acordo com Movimento Sem Terra (2017a). Como desdobramento desse congresso, 30 crianças do MST participaram da Conferência do Movimento de Meninos e Meninas de Rua (MMR), em 1994.

Segundo o Movimento Sem Terra (2017a), foi a partir do I Congresso que surgiu o termo “sem terrinha”, quando foi utilizado em uma matéria publicada

no jornal Zero Hora⁹, de Porto Alegre. De acordo com Kolling e Caldart (1994, p. 5)¹⁰, o Zero Hora, ao noticiar o I Congresso Infantil do MST, publicou a seguinte manchete: “Sem Terra moldam as crianças que serão líderes no ano de 2.000”. O conteúdo do jornal, nos dias seguintes, seguiu divulgando o evento e nos textos encontravam-se palavras como: “lavagem cerebral”, referindo-se à formação política proveniente das reivindicações das crianças, e “pedagógica homicida”, relacionada à educação no Movimento. Sobre a postura do Jornal Zero Hora, Kolling e Caldart (1994, p. 5) questionam: “mas, afinal, a quem assustou tanto a manifestação dos ‘sem terrinha’ (é assim que a impressa apelidou nossas crianças)? E por que assusta tanto ver uma criança empunhando a bandeira vermelha e dizendo que quer ajudar a acabar com a miséria do povo?”.

De acordo com Ramos (2021), o termo “sem-terrinha”, depois do debate político, foi apropriado e transformado pelo MST, assumindo *status* de denominação da identidade política das crianças Sem Terrinha a partir de 1997. Mesmo com um lapso temporal considerável, é possível perceber similaridades na maneira como o jornal tratou o I Congresso, em 1994, e a forma como uma emissora de TV, em 2018, falou sobre o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha. A matéria “A polêmica dos Sem Terrinha”, com duração de vinte minutos, traz a narrativa de que o Encontro feriu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Durante a reportagem, refere-se à forma de condução do encontro com frases como: “estimular a violência” e “lavagem cerebral” (Fernandes, 2019, n.p.). Após tanto tempo, a organização das crianças Sem Terrinha parece ainda ser assustadora para alguns veículos midiáticos.

Os Encontros dos Sem Terrinha são “lugar de encontro, de acesso à cultura, de estudo, de festa, de brincadeiras, de organização, de luta e negociações” (Movimento Sem Terra, 2017a, p. 13), além de serem um espaço importante da organização infantil dentro do MST. As articulações necessárias para o acontecimento do Encontro Nacional sempre se deram com a mediação das crianças. Houve uma comissão formada por elas para discutir a programação e a infraestrutura do evento. Em linhas gerais, a forma organizativa

⁹ O Jornal Zero Hora não está catalogado na Hemeroteca Digital.

¹⁰ Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. XIII - Nº 142, nov. 1994. Hemeroteca Digital.

do Encontro se fez a partir das “preparações nas localidades, articulação com o mundo da cultura, da comunicação e educação, como também parcerias com as Universidades, Conselho Tutelar, entre outros” (Movimento Sem Terra, 2017a, p. 16).

A partir das orientações construídas com as crianças, a organização do Encontro Nacional se iniciou com os encontros locais, feitos nos acampamentos e assentamentos. Depois, foram realizados os encontros regionais e estaduais. Nessas instâncias preparatórias, as crianças já vivenciavam a atmosfera do Encontro, criando palavras de ordem para caracterizar sua região, construindo regras de convivência coletiva e debatendo as propostas a serem levadas ao Manifesto dos Sem Terrinha. Os educadores que acompanharam a atividade nesse processo estavam cientes de que o protagonismo deveria ser das crianças. No material de orientação aos educadores, a Carta das Crianças Sem Terrinha¹¹ aparece como primeiro elemento (Figura 1). Lá elas prescrevem como deve ser o comportamento dos adultos perante a participação protagônica das crianças, ou seja, não agem sozinhas, mas com o apoio dos adultos.

¹¹ Carta elaborada pelo coletivo dos Sem Terrinha e Educadores Infantil da Ciranda Infantil da coordenação Nacional do MST – 23 a 27 de janeiro de 2017, em Fortaleza (CE).

Figura 1: Carta das crianças Sem Terrinha

Carta das Crianças Sem Terrinha, da Ciranda Infantil, para Coordenação Nacional do MST em Fortaleza, 27 de janeiro de 2017¹.

Entendemos que a organização coletiva dos Sem Terrinha se faz necessária para nossa formação. Somos os Sem Terrinha e apontamos as seguintes propostas:

- Que o Encontro Nacional dos Sem Terrinha possa ser pensado e construído por nós com o apoio dos adultos.
- Que seja um espaço alegre, recreativo, esportivo e que seja do nosso jeito.
- Que as palestras não sejam chatas, mas com muita arte e alegria conduzida por nós.
- Nós Sem Terrinha assumiremos nossas responsabilidades: com a divisão de tarefas práticas, coordenação dos dias e noites culturais.
- Queremos também, que nosso Encontro tenha uma alimentação saudável e orgânica.

Como ponto de protesto, primeiramente, muito FORA TERMER!!!

Para isso, poderemos organizar uma marcha com direito a trio elétrico e coordenação dos Sem Terrinha. Nesta marcha também protestaremos contra o fechamento das escolas do campo e a produção de alimentos com venenos e transgênicos que fazem mal a nossa saúde. Para que nosso encontro aconteça precisamos que vocês adultos façam sua parte. É preciso articulação através de encontros de formação dos Sem Terrinha em todos os Estados.

"SOMOS OS PEQUENOS DA CIRANDA INFATIL
SOMOS SEM TERRINHA PARA MUDAR O BRASIL"!

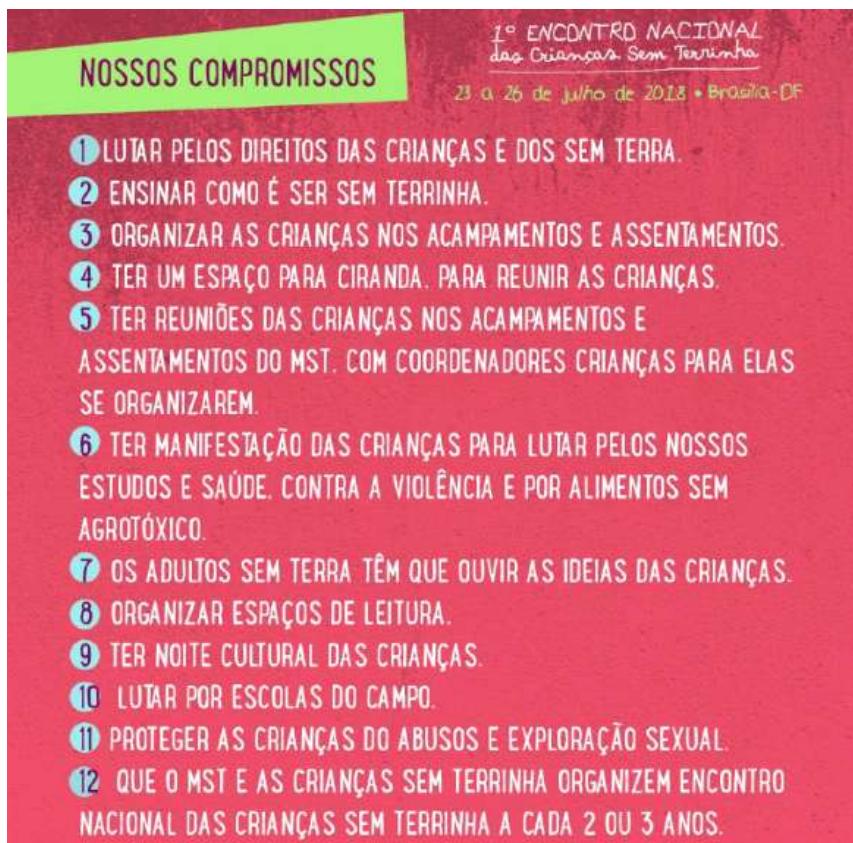
Fonte: Movimento Sem Terra (2017a, p. 5).

Participação Protagônica

A participação protagônica, para Cussioanóvich (2009), vem se definindo a partir da participação de meninos, meninas e adolescentes provenientes de movimentos sociais da classe trabalhadora, assim como os Sem Terrinha. Essa participação ficou evidente na produção das crianças do documento intitulado *Nossos Compromissos* (Figura 2), no contexto do I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, “que [...] reafirma e reivindica a criança como sujeito social que estuda, luta, brinca, constrói e participa das mudanças sociais” (Ramos; Leite; Rezende, 2020, p. 1317). Tal concepção se caracteriza por um projeto social para a infância, pensado e construído pelas crianças. Nela manifestam-se preocupações com a organização do movimento,

saúde, educação, cultura, segurança e alimentação saudável. O papel dos adultos também está presente nos itens dessa carta e pode ser interpretado como parceria, proteção, respeito, apoio e suporte.

Figura 2: Compromisso das Crianças Sem Terrinha



Fonte: Movimento Sem Terra (2018, p. 12).

No entanto, por mais que a proposta do Encontro fosse o protagonismo das crianças, o adultocentrismo ainda imperava em algumas relações. Sobre isso, Cussioanóvich (2009) destaca que, mesmo que a participação das crianças seja um direito, tem sido encarada como um problema para as culturas modernas, pois demanda o esforço de abdicar da posição privilegiada dos adultos. Porém, isso foi desafiado pelas próprias crianças quando, em certo momento, alguns meninos de diferentes estados ignoraram a programação oficial do Encontro e seguiram jogando bola em uma área externa do alojamento. Sobre esse fato está registrado que:

Uma educadora passou e observou também as crianças e comentou que “eles estão perdendo uma programação boa em troca desta brincadeira que eles brincam todos os dias”, mas outra educadora observou, “mas é diferente brincar neste espaço, neste contexto e com essa diversidade de crianças”. E assim a meninada ia também ensinando a toda gente que brincar faz parte de aprender, e que aprender tem a ver com arte, com cantoria e muita sapequisse – porque é preciso ser sapeca pra inventar as coisas novas! (Movimento Sem Terra, 2017b, n.p.)

Apesar de a primeira educadora ter tomado um ponto de vista adultocêntrico ao julgar a atividade das crianças, a segunda percebeu que elas estavam fazendo a sua própria programação, repleta de divertimento, e promovendo a integração entre os Sem Terrinha de diferentes cantos do Brasil, que também é um dos objetivos do Encontro.

Vale sublinhar que durante o evento, os adultos estiveram presentes com a intenção de dar espaço e suporte para as crianças, pois, como consta no relatório, “os adultos Sem Terra têm que ouvir as ideias das crianças” (Movimento Sem Terra, 2018, p. 12). Essa posição dos adultos e, consequentemente, das crianças parece estar se aproximando das culturas dos povos andinos e amazônicos, em que a participação infantil é imprescindível para a boa organização social, como analisa Cussioanóvich (2009). Nesse sentido, esses povos originários têm muito a ensinar para as demais culturas, pois uma organização social pensada juntamente às crianças tem maior possibilidade de ser democrática para todas as gerações.

Os movimentos sociais de meninos, meninas e adolescentes da região do Peru não estão dispostos a ter uma participação cidadã meramente formal, como afirma Cussioanóvich (2009). Na busca pela quebra de paradigma e por transformação, tanto do ponto de vista das classes sociais quanto da perspectiva geracional, esses movimentos almejam “construir, ou melhor, contribuir com a construção da democracia desde baixo, no caso dos meninos e meninas, fora do imaginário social dominante” (Cussioanóvich, 2009, p. 36, tradução minha).¹² Eles estão empenhados em promover o protagonismo e a autonomia na participação das crianças, como se pode observar nas palavras do autor:

¹² “Construir, o mejor, aportar a la construcción de la democracia desde abajo e en el caso de los niños y niñas desde “afuera” del imaginario social dominante” (tradução minha).

Elas mostram que não são só capazes, mas conscientes de que são responsáveis, que não devem deixar só nas mãos dos outros aquelas coisas que são seus direitos e que sua palavra e sua opinião são necessárias para a busca de justiça e reconhecimento social, quer dizer, para sua existência política. O que está em jogo é que os meninos e meninas vão se sentindo como atores legítimos na sociedade e frente ao Estado. [...] Mas também, por haver feito sua a tarefa de difundir as recomendações e convocar as diversas atividades para exigir seu cumprimento. A todo esse processo é que chamamos de exercício de seu protagonismo, em desenvolvimento de sua participação protagônica. (Cussioanóvich, 2009, p. 467, tradução minha)¹³

O excerto acima se aproxima da forma como as crianças Sem Terrinha participam nos espaços do MST no Brasil, principalmente, no I Encontro Nacional¹⁴. Durante o Encontro, as crianças efetivaram a sua participação de várias formas: coordenaram as atividades do dia; apresentaram a plenária geral; fizeram a cobertura jornalística. Desse modo, contribuíram de maneira protagônica para que o Encontro acontecesse e tivesse o jeito delas. Essa participação está expressa nos Compromissos, no Manifesto do Encontro, nas recomendações que foram feitas aos educadores acompanhantes, e principalmente em suas palavras de ordem: “Somos os pequenos da ciranda infantil. Somos Sem Terrinha para mudar o Brasil.” (Movimento Sem Terra, 2018, p. 5).

Palavras de Ordem

As palavras de ordem ou gritos de ordem, como também podem ser chamados, são cantadas a plenos pulmões. As crianças ficam em pé, com os

¹³ “Ella apunta a mostrar que son no sólo capaces, sino conscientes de que son responsables, que no deben dejar sólo en manos de otros aquellas cosas que son sus derechos y que su palabra y su opinión son necesarias para la búsqueda de justicia y reconocimiento social, es decir, para su existencia política. Lo que está en juego, es que los niños y niñas se van sintiendo como actores legítimos en la sociedad y ante el Estado. [...] Pero además, por haber hecho suya la tarea de difundir las Recomendaciones y convocar a diversas actividades para exigir su cumplimiento. A todo este proceso es que llamamos ejercicio de su protagonismo, desarrollo de su participación protagónica” (tradução minha).

¹⁴ Saiba mais em: <https://youtu.be/pm2cgAEgVA0>, <https://mst.org.br/2018/07/24/brincar-sorrir-e-lutar-sem-terrinha-iniciam-encontro-nacional-em-brasilia/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

punhos cerrados e levantados marcando o ritmo. As palavras de ordem são conceituadas como “expressão ou frase curta utilizada em protestos ou manifestações, normalmente replicada em cartazes e discursos, com o objetivo de marcar uma posição, reivindicar alguma mudança e/ou incitar os ânimos do grupo” (Brasil, 2023).¹⁵

Durante a plenária do segundo dia do Encontro Nacional, as palavras de ordem compostas por cada delegação foram apresentadas. De tradição oral, elas são entoadas primeiramente pelo grupo de crianças que as criaram e depois são repetidas duas vezes pelo grande grupo. Essas palavras têm grande significado para o MST, pois carregam seu lema, a síntese de suas pautas, lutas e a tão necessária utopia. Segundo Boff (1998), a utopia é concebida como sinônimo de um lugar onde se quer chegar e, por isso, essas palavras carregam a esperança de um mundo melhor e justo para todos e todas.

As palavras de ordem de cada delegação de estados do Brasil foram criadas pelos Sem Terrinha ainda na fase de preparação para o encontro. Cada grupo dedicou um tempo para a criação coletiva de suas palavras, buscando sintetizar nelas as principais reivindicações da região. Juntamente com os uniformes e os elementos culturais que foram levados ao Encontro, essas palavras compõem a identidade da delegação estadual. Conforme salienta Cunha (2021), quando as crianças se expressam por meio da arte e criam arte, estão nos revelando quem elas são e como vivem suas infâncias.

Segundo o relato dos educadores, o termo que mais apareceu nas palavras entoadas pelas crianças dos diferentes estados foi “revolução” (Movimento Sem Terra, 2017b). O senso comum pode alegar esse fato como simples reprodução da cultura adulta, mas, conforme Corsaro (2003), trata-se de uma reprodução interpretativa, pois, na cultura de pares infantis, as crianças ressignificam de forma criativa as informações do meio adulto, utilizando-as para seus próprios interesses. Elas percebem a necessidade de transformação diante do quadro de desigualdade social que ambos os grupos sofrem no cotidiano e colocam a revolução em seu horizonte de luta.

¹⁵ Glossário do portal acessibilidade da câmara dos deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/dicionario-de-libras/@@glossario-vlibras-index?texto=palavras+de+ordem&Pesquisa=Pesquisar> Acesso em: 20 mai. 2023.

A primeira vez em que as palavras de ordem foram requisitadas na programação oficial aconteceu durante a abertura do Encontro, onde todos cantaram: “Sem Terrinha em Movimento, brincar, sorrir e lutar por reforma agrária popular” (Figura 3). Essas palavras de ordem foram, frequentemente, entoadas durante todo o Encontro como uma espécie de palavras de ordem oficial, que expressam a identidade Sem Terrinha. Segundo o Movimento Sem Terra (2017a), a identidade Sem Terrinha está em construção e é forjada na luta pela terra, pois no acompanhamento das famílias, as crianças percebem desde cedo a necessidade da luta para garantia de direitos.

Figura 3: Sem Terrinha em movimento



Fonte: Compilação da autora.

Conforme Castells (2018, p. 54), “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. O autor ainda destaca três formas de identidade: legitimadora (promovida pelas instituições dominantes); de resistência (criada por sujeitos desvalorizados, com valores diferentes ou opostos da sociedade dominante); de projeto (sujeitos que constroem sua identidade utilizando material cultural, buscando a transformação social). Portanto, os Sem Terrinha firmam sua identidade a partir da resistência e de um novo projeto societário: a reforma agrária popular, que aparece em várias de suas palavras de ordem.

Ao estabelecer um paralelo entre a letra de uma canção e as palavras de ordem dos Sem Terrinha, nos apropriamos das ideias de Merriam (1964, p. 201), ao analisar que os textos de canções podem ser utilizados como “um meio de ação orientado para a solução dos problemas que afigem uma comunidade”. A reforma agrária é uma questão prioritária para o MST e, portanto, está esculpida na identidade do grupo que, consequentemente, é transmitida de

geração a geração. É bastante natural que as crianças também expressem essa luta por meio das palavras de ordem que são expressões musicais e se aproximam da canção.

As palavras de ordem, no que se refere aos elementos musicais presentes, como a melodia, o ritmo e a presença de rima, remetem aos pregões de feira, que são manifestações populares típicas em várias regiões do Brasil. Os versos são cantados ou falados por vendedores ambulantes ou em feiras, com o objetivo de anunciar a sua mercadoria. Um exemplo encontra-se na Figura 4.

Figura 4: Pregão de feira



Fonte: Brito (2011, cap. 2).

De acordo com Brito (2011), em um musical gravado em vídeo, intitulado *Fim de Feira*, Koellreutter propôs como tema principal os pregões, tradicionais ou improvisados, juntamente à paisagem sonora da feira. Esse tema proporcionou uma riqueza de possibilidades de criação e atuação do grupo. De acordo com Brito (2011, posição 675), “o trabalho permitiria lidar com questões musicais diversas: a forma, o contraste entre solo e tutti, entre texturas, timbres, densidades, intensidades, ritmos métricos e não métricos...”. Esses elementos também podem ser percebidos nas palavras de ordem dos movimentos sociais.

Algumas palavras de ordem criadas pelos Sem Terrinha em seus estados podem se nacionalizar, como é o caso de: “Brilha no céu a estrela do Che, nós somos Sem Terrinha do MST” (Figura 5). Essa palavra de ordem ganhou uma versão repaginada cantada por alguns meninos na fila da refeição do Encontro, que se desenrolava mais ou menos assim: “Brilha no céu, a estrela do Chê tchêreretchêtchê, Gustavo Lima e você” (Movimento Sem Terra, 2017b, n.p.).

Figura 5: Estrela do Che



Fonte: Compilação da autora.

A música *Balada Boa* (2012), interpretada pelo cantor sertanejo Gustavo Lima, foi bastante difundida nas rádios e plataformas de *streamings* musical no período em que ocorreu o Encontro. Essa música é mais um produto veiculado a partir da lógica da indústria cultural, indústria essa que media boa parte das relações entre as pessoas e os bens artísticos. Por mais que a intenção do MST seja promover a cultura a partir de “um processo antagônico ao da indústria cultural, para a qual o público é uma massa passiva a ser convencida e mantida inerte” (Hackbardt, 2015, n.p.), esse fato mostra que as crianças Sem Terrinha, assim como as demais gerações, incorporam com pouca reflexão sobre seus significados os produtos da indústria do entretenimento.

Contexto 1: Na rua

As palavras de ordem apareceram em diversos momentos, e não somente na programação oficial do Encontro. Por meio delas, as crianças faziam suas intervenções políticas e davam seu recado. Um exemplo ocorreu quando elas avistaram os carros adesivados de uma emissora de TV durante a marcha nas ruas de Brasília. Espontaneamente, começaram a cantar: “Sem Terrinha não é bobo, abaixo a Rede Globo” (Figura 6). Parafraseando Merriam (1964), é marcante o fato de que na canção, ou nessas frases ritmadas, surge, assim, a oportunidade de o indivíduo ou o coletivo manifestar sentimentos profundos que

outros contextos silenciam. Inferimos que na rua, o grupo de crianças sentiu-se livre para manifestar o que pensava sobre a Rede Globo naquele momento.

Figura 6: Abaixo a rede globo



Fonte: Compilação da autora.

Cabe lembrar que o I Encontro aconteceu no contexto de golpe contra a presidente Dilma Rousseff. A dita emissora teve papel importante na construção do imaginário social propício ao golpe, conforme foi explicitado no documentário *A Fantástica Fábrica de Golpes* (2022). Sem hesitar em utilizar o termo “golpe” para caracterizar esse fato político que ocorreu no Brasil, Saviani (2016) afirmou, categoricamente:

Sim, o que está em curso é um golpe. Claro que o *impeachment* está previsto na Constituição não podendo, pois, por si mesmo, ser caracterizado como golpe. Mas quando esse mecanismo é acionado como pretexto para derrubar um governo democraticamente eleito sem que seja preenchida a condição que a Constituição prescreve para que se acione esse mecanismo, ou seja, a ocorrência de crime de responsabilidade, então não cabe hesitar. (Saviani, 2016, n.p.)

O MST denunciou o golpe, lutou contra ele e contra o ataque à democracia brasileira que ele representou. Estar em Brasília era uma oportunidade para exteriorizar as experiências vividas, até então, e as próprias palavras de ordem, assim como as canções, oferecem “a possibilidade de externar reflexões, ideias e pareceres que não têm espaço para se manifestar na comunicação habitual, conforme afirma Merriam (1964). Parece, segundo o autor, que as letras das músicas, aproveitando a licença que o ato de cantar parece oferecer, tornam-se uma ferramenta muito eficaz para capturar certos tipos de informação difíceis de obter por outros meios.

Contexto 2: Na esplanada dos ministérios

Evidenciando, mais uma vez, o engajamento político das crianças e a intencionalidade delas ao utilizarem as palavras de ordem para se expressarem, durante a visita à esplanada dos ministérios em Brasília (Figura 8), cantaram: “Boi, boi, boi, boi da cara preta. Pega Michel Temer e devolver *pro capeta*” (Figura 7). O governo Temer foi marcado por políticas de desassistência social, nas quais o orçamento para serviços públicos como educação, saúde e assistência social foram congelados por 20 anos com a aprovação da emenda constitucional nº 95. A ida das crianças Sem Terrinha à capital brasileira teve como propósito a manifestação pelo direito à educação do campo pública, gratuita, laica, de qualidade social e estatal. Nesse dia, as crianças leram e entregaram o Manifesto das Crianças Sem Terrinha ao Ministério da Educação. O documento elaborado pelo coletivo denunciava o fechamento das escolas em áreas de Reforma Agrária e afirmava a defesa da Educação do Campo (Marinho, 2018).

Figura 7: Boi da cara preta



Fonte: Compilação da autora.

Tais manifestações mostram a participação protagônica dos Sem Terrinha durante o Encontro, mas também podem ter provocado o estado de alerta nos educadores que acompanhavam a visita, pois as palavras de ordem poderiam ser encaradas como provocação, e motivar agressões às crianças por parte de algum transeunte. A proteção era uma preocupação constante dos educadores, conforme pode ser observado no relato de outra situação: “o círculo dos adultos por trás das crianças ora soava como proteção, ora como expectadores daqueles pequenos grandes meninos e meninas que conduziriam nos próximos dias o histórico primeiro encontro nacional das crianças Sem Terra” (Movimento Sem Terra, 2017b, n.p.). Há uma linha tênue entre o protagonismo infantil e a proteção das crianças. Conseguir equilibrar-se nessa linha era uma

tarefa árdua que os educadores precisaram enfrentar durante o acompanhamento das atividades.

Figura 8: Crianças Sem Terrinha em Marcha na esplanada dos ministérios



Fonte: Marinho (2018). Foto: Elitiel Guedes.

Contexto 3: No estúdio

Algumas palavras de ordem são tão expressivas e musicais que acabam transformando-se em canção – é o caso de *Cantando com o Sem Terrinha* (2014)¹⁶. Ela foi composta pelos Sem Terrinha do Rio de Janeiro e ganhou uma versão em ritmo de *funk* com instrumentação e gravada em estúdio para integrar o álbum *Plantando Ciranda 3*¹⁷. Nessa música (Figura 9), as crianças afirmam novamente sua identidade e suas pautas de luta: “Sou Sem Terrinha do MST, acordo todo dia pra lutar você vai ver. Por terra, por escola, saúde, educação, desse meu direito, eu não abro mão”.

¹⁶ Ouça em: <https://youtu.be/QzMXdUXbmok>. Acesso em: 20 fev. 2023.

¹⁷ O álbum *Plantando Ciranda* é um trabalho coletivo das crianças Sem Terrinha das cinco regiões do Brasil. Elas participaram desde a composição até a interpretação das canções. Ouça em: <https://on.soundcloud.com/2shth>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Figura 9: Cantando com o Sem Terrinha



Fonte: Compilação da autora.

Abordando o elemento místico e a potência da autoria das crianças na produção de suas expressões musicais, em especial, no *Plantando Ciranda 3*, Moscal (2017) destaca que:

Há, portanto, uma eficácia¹⁸ nestas produções e execuções musicais, a exemplo do lançamento do CD *Plantando Cirandas 3* durante o VI Congresso Nacional do MST, quando era visível a euforia das crianças que compuseram e gravaram as canções e puderam apresentá-las em um evento nacional. Quais os efeitos dessas práticas entre os sem-terrinha? De quem participou do disco e de quem assistiu seus colegas? Nos espaços das Cirandas Infantis, as canções gravadas nos três álbuns são utilizadas recorrentemente em atividades educativas, comunicam aos pequenos memórias que não vivenciam e projetam com eles o que desejam para o futuro. (Moscal, 2017, p. 268)

Os álbuns *Plantando Cirandas 1, 2 e 3* se constituem como importante instrumento de formação política no MST, conforme afirmado no site de divulgação da do material:

[...] visto que será um material importante para as escolas dos acampamentos e assentamentos em todo o país. Assim, unindo arte e pedagogia formaremos com todos os sem terrinha e outras crianças e adolescentes do Brasil uma grande ciranda educativa, poética e libertária. (*Plantando Cirandas*, 2009, n.p.)

Desse modo, as crianças, a partir da composição de suas expressões musicais, se formam e contribuem com a formação de seus pares.

¹⁸ Moscal (2017) usa o termo “eficácia” como sinônimo de mística.

Mística, mistério e música

As palavras de ordem, ao serem entoadas pela coletividade, tornam-se mais do que a organização de frases por meio de ritmo e melodia, elas integram parte da mística do encontro. A palavra “mística” tem seu significado relativo ao mistério, àquilo que está oculto. Boff (1998) esclarece a definição semântica e etimológica da palavra:

A palavra mística é adjetivo de mistério. Mistério possui muitos sentidos, vários deles pejorativos. Na linguagem comum usa-se a palavra mistério para concluir uma reflexão que esgotou as capacidades da razão e não consegue mais produzir luz. Ou então para indicar intenção ou realidades escondidas ao comum dos mortais. Mistério pode significar também a aura de interesse, curiosidade e fascinação que uma pessoa irradia: “Que mistério tem Clarice”? Originalmente a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção), não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. (Boff, 1998. p. 23-24)

A mística da qual estamos falando, no entanto, extrapola a dimensão do significado da palavra, como apresentado pelo autor. Para compreendê-la, são necessárias diversas relações de conceitos e contextos. Conforme Coelho (2011), a mística tem sua origem na religião, e se incorpora à cultura do MST a partir da aproximação com a Igreja Católica. Essa aproximação feita pelas ações da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foi fundamental, tanto para a construção da mística quanto para a constituição dos Movimentos Sociais, em especial do MST.

Segundo Bogo (2008), a mística é ligada à espiritualidade na prática militante e fora dela, é vinculada à espiritualidade da vida humana. Ainda nessa dimensão espiritual, Boff (1998) relata que todos podem ter acesso à mística, isso acontece quando se alcança “um nível mais profundo de si mesmos, quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante da riqueza do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo” (p. 29).

Buscando outras definições para além da religiosa, Bogo (2008) afirma que, para a filosofia, a mística está relacionada a três aspectos da cultura: o sentir, o fazer e o pensar. Assim, a mística separa o prazer da dor, alimenta a

força de lutar e a inteligência. Ela é a materialização das ideias de forma concreta. Essas ideias se transformam em vitórias e, a partir dessas vitórias, a mística é levada para outros lugares “unindo, compartilhando, animando e comprazendo as pessoas” (p. 216). A mística, continua o autor, é feita pela “satisfação que sentimos ao construir o caminho da felicidade, para os outros e para nós” (*Ibidem*, p. 219).

Pode-se conceituar mística também pela ciência política, em que ela “é compreendida como carisma; manifestação de habilidades, dedicação, etc.” (*Ibidem*, p. 217). Contribuindo para essa conceituação, Boff (1998) acrescenta que a mística significa, mobiliza e movimenta as pessoas para a mudança a partir de um conjunto de convicções, visões e sentimentos fortes que são capazes de fazer os sujeitos enfrentarem as adversidades e manter a esperança, mesmo diante dos históricos infortúnios. Bogo (2008) corrobora com isso. Para ele, a mística

[...] é a relação entre o abstrato e o concreto. O abstrato é um pensamento transformado em desejo de ver o concreto realizado. Antecipa aquilo que deverá vir-a-ser ao mesmo tempo que está sendo. A matéria ou a ação cumprem o papel de abrigar o desejo e de revelar a ideia que, no acontecer, se confunde com energia, ânimo, vigor, paixão, carimbo ou sentimentos de descontentamento. (Bogo, 2008, p. 219-220)

Desta forma, as palavras de ordem, por meio da letra, ritmo, melodia, harmonia, timbres, tessitura, densidade, intensidade, faz o elo entre o concreto e o abstrato, trazendo para a realidade o que estava no campo dos sonhos, e esse é um instrumento essencial para a composição da mística, da força que anima a luta em todas as gerações do MST.

Considerações finais

A participação política das crianças Sem Terrinha foi analisada, neste estudo, à luz do emprego das palavras de ordem, que denomino também de expressões musicais. Para tanto, considero necessário explanar sobre dois contextos: o Movimento Rural Sem Terra e o I Encontro Nacional das Crianças

Sem Terrinha. Igualmente, pondero que as palavras de ordem e a mística deveriam ser conceituadas para que o tema sobre a participação protagônica das crianças fosse compreendido no âmbito do MST.

Os Sem Terrinha, como coletivo organizado, têm suas instâncias de participação, prioritariamente, por meio das Cirandas Infantis e dos Encontros de crianças. Nesses espaços elas têm a oportunidade de organizar e pensar suas propostas para o Movimento e para a sociedade, sendo protagonistas, enquanto os adultos são apoiadores de suas ações. Esses papéis, por vezes, têm suas limitações, porém há um compromisso de ambas as partes na promoção de ações democráticas. Os Sem Terrinha podem ser considerados uma geração permanente, que vivencia as lutas e mazelas em que o MST está inserido. Desde bem pequenas, as crianças aprendem que lutar é um dos pressupostos para sobreviver em meio às condições de desigualdade social a que elas estão expostas.

Busco compreender as palavras de ordem como expressões musicais, fazendo associação com os pregões, que, como essas palavras, são manifestações populares. Verifico que as palavras de ordem são um tipo de verbalização para manifestar ideias, sentimentos de forma coletiva e em situações diferenciadas do dia a dia. Os exemplos dados foram palavras de ordem identificadas na plenária do Encontro Nacional, na caminhada nas ruas de Brasília e na visita à esplanada dos ministérios. Nos três cenários, as expressões representaram o propósito de vida do MST refletido na luta pela reforma agrária, a crítica à rede Globo no contexto do golpe sofrido pela ex-presidenta Dilma Rousseff e a manifestação pelo direito à educação do campo, pública e gratuita.

Desse modo, as palavras de ordem se constituem como um importante meio de expressão da participação protagônica das crianças Sem Terrinha. Por meio delas, criadas e entoadas pela coletividade, são materializadas aspirações, indignações e utopias dos Sem Terrinha do MST, compondo a mística do Movimento.

Agradecimento

Agradeço ao companheiro Valter Leite que, gentilmente, forneceu todos os relatos dos educadores que foram utilizados neste trabalho. Sem essa contribuição, a escrita deste artigo não seria possível.

REFERÊNCIAS

A Fantástica Fábrica de Golpes. Direção de Valnei Nunes, Victor Fraga. Reino Unido: Dirty Movies, 2022. Streaming.

ASSUNÇÃO, Matheus Gringo de; DEPIERI, Marcelo Alvares de Lima. **O agronegócio com elemento potencializadordas desigualdades no campo no Brasil.** Tricontinental. 19 abr. 2022. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-agronegocio-como-elemento-potencializador-das-desigualdades-no-campo-no-brasil/#:~:text=Ademais%2C%20o%20modelo%20do%20agroneg%C3%BDcio,utilizando%20das%20formas%20hist%C3%BDricas%20de>. Acesso em: 27 abr. 2023.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 27 abr. 2023.

BRASIL. Congresso. **Portal acessibilidade**, Brasília, DF: Câmara dos deputados. 2023. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/dicionario-de-libras/@@glossario-vlibras-index?texto=palavras+de+ordem&Pesquisa=Pesquisar>. Acesso em 19 mai. 23.

BOFF, Leonardo. Alimentar nossa Mística. In: **MST- Caderno de Formação N° 27**. Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. São Paulo, 1998.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. Editora Peirópolis. Edição do Kindle, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação, v. 2. 9^a ed., Rev. ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

COELHO, Fabiano. "É preciso fazer a mística": o forjar de uma identidade coletiva Sem Terra. *In: Dimensões*, v. 26, 2011, p. 325-349. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2597>. Acesso em: 26 fev. 2020.

CORSARO, William. **Acção colectiva e agência nas culturas de pares infantis**. Conferência proferida em 16/06/2003, Gabinete de Pós-Graduação em Ciências da Educação, Universidade do Porto.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças e música: educação musical e estudos da infância em diálogo. **Childhood & philosophy**, Rio de Janeiro, v. 27, mai. 2020, p. 01-20.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças pequenas e arte: expressões e significações. **Em Aberto**, Brasília, v. 34, n. 110, p. 75-84, jan./abr. 2021.

CUSSIÁNOVICH, Alejandro. **Ensayos sobre Infancia II: Sujeto de Derecho y Protagonista**. Lima: IFEJANT, 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra. *In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FERNANTES, Leonardo. TV Record ignora critérios jornalísticos ao atacar crianças sem terrinha. **Brasil de Fato**. 17 Fev. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/11/tv-record-ignora-criterios-jornalisticos-e-ataca-criancas-sem-terra>. Acesso em: 14 mai. 2023.

HACKBARDT, Geanini. **A Identidade Cultural do ser Sem Terra**. 8 out. 2015. Página do MST. Disponível em: <https://mst.org.br/2015/10/08/a-identidade-cultural-do-ser-sem-terra/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

KOLLING, Edigar; CALDART, Roseli. A quem assusta a educação dos 'sem-terrinha'? **Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Ano XIII, Nº 142, Nov./1994. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=1477>. Acesso em: 14 mai. 23.

MARINHO, Gustavo. **Durante passeio cultural em Brasília, Sem Terrinha entregam manifesto no MEC**. MST, 26 de julho de 2018. Acesso em: 14 mai. 23. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/07/25/durante-passeio-cultural-em-brasilia-sem-terrinha entregam-manifesto-no-mec/>

MERRIAN, Allan. **The anthropology of music**. Illinois: Northwestern University Press, 1964.

MOSCAL, Janaina dos Santos. **Sentimentos da Luta: Música e Mística no Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências

Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2017.

MOVIMENTO SEM TERRA. **Sem Terrinha em Movimento, Rumo o I Encontro Nacional!** Caderno de orientação aos educadores/as. (texto interno). 2017a.

MOVIMENTO SEM TERRA. **I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha.** 23 a 26 de julho de 2017. No Parque da Cidade – DF. Relato. (texto interno). 2017b.

MOVIMENTO SEM TERRA. **Relatório do I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha.** (texto interno). 2018.

PLANTANDO CIRANDAS, MST, São Paulo -SP, 6 jul. 2009. Disponível em: <https://mst.org.br/2009/07/06/plantando-cirandas-2/>. Acesso em: 15 mar. 2023

PORTELA, Claudio. **Concentração de Renda.** Flourish, 12 mar. 2021. Disponível em: https://public.flourish.studio/visualisation/5524240/?utm_source=embed&utm_campaign=visualisation/5524240. Acesso em: 27 abr. 2023.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, mai./ago. 2010.

RAMOS, Márcia Mara. **Infância do campo:** uma análise do papel educativo da luta pela terra e suas implicações na formação das crianças Sem Terrinha do MST. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RAMOS, Márcia Mara; LEITE, Valter de Jesus; REZENDE, Janaína Ribeiro. As crianças sem terrinha e o enfrentamento à pandemia de covid-19: como brincar, sorrir e lutar nesse contexto?, **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1305-1331, dez./dez., 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroa seis/article/view/77437/45043> Acesso em: 27 abr. 2024.

SAVIANI, Demeval. **A Crise Política Atual: Uma Grande Farsa. Blog do Freitas.** 04 abr. 2016. Disponível em: <https://avaliacaoeducacional.com/2016/04/02/saviani-e-golpe-sim/>. Acesso em 28 abr. 2023.

Recebido: 03/04/2025
Aceito: 09/09/2025